

## **POSSIBILIDADES E BARREIRAS DE UMA PRÁTICA DE CARÁTER INTERCULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANALISANDO UM CASO**

FONTENELE, Cristiane Ferreira  
MAGDALENA, Ana Paula  
LIMA, Emília Freitas de  
*Universidade Federal de São Carlos*  
*E.M.E.I Antônio Lourdes Rondon*  
*E.M.E.I Casa Rosa*  
*Universidade Federal de São Carlos*

A educação intercultural pensa a escola, como uma instituição cultural e os professores são seus principais atores. Como instituição cultural, não se limita a transmitir e tratar apenas a cultura hegemônica, abre-se para os referentes culturais dos diversos grupos de alunos, auxilia-os a compreender e situar as culturas em seus contextos social e histórico e preocupa-se em detectar e pôr à prova os vieses culturais (preconceitos, estereótipos, etnocentrismo etc.). Tal perspectiva propõe formas alternativas de organização e funcionamento da escola, e de formação e atuação dos(as) professores(as), a fim de contemplar a diversidade/diferença dos grupos de alunos como um recurso e não como um obstáculo. O trabalho tem por base entrevista realizada com uma professora da educação infantil que desenvolveu dois projetos de caráter intercultural: um sobre papéis de gênero e outro de valorização da cultura dos afro-descendentes. Objetivou conhecer os saberes acionados por ela para elaborar e desenvolver os projetos, os saberes construídos no processo, e as práticas criadas para implementá-los. A entrevista foi gravada em áudio, transcrita, os dados classificados tendo por base a análise de conteúdo e analisados à luz do referencial teórico sobre formação de professores e multiculturalismo crítico. Embora a professora não tenha tido formação específica em educação intercultural, identificou-se a presença de experiências formativas que lhe trouxeram saberes que contribuíram para o desenvolvimento de práticas educativas de caráter intercultural. A análise dos dados também evidenciou aprendizagens facilitadas por meio da inventividade da professora, da experiência estética, da autorização para conhecer e experimentar o “lugar do outro”, entre outros. Também foram relatadas barreiras, como falta de material, trabalho solitário e incompreensão dos pais dos alunos. Enfim, os dados revelam uma prática que procura, entre outras coisas, abalar os lugares rígidos de gênero e desenvolver empatia e valorização frente à cultura negra.